

Os jardins de Salgot (No Mirante, só ruínas...)

(Página 3)



*“Palacete Boyes”: um mundo de
arte e poder*

(Página 9)

*Os neguinho da política
na tevê*

(Página 7 “Secos e Molhados”)

*Funcionário público queria
farda, é mole?*

(Página 5)

*Tem sósia do Delfim
no BANESPA*

(Página 10 - “Recados”)

*Paula, paixão do nego
da muié*

(Página 2)

Página Dois

Opinião

O Engenho e a Biblioteca

CECILIO ELIAS NETTO

Por mais respeitáveis que sejam - e o são - as opiniões contrárias à transferência da Biblioteca Municipal para o Engenho Central elas não nos convencem. Talvez, nem mesmo seja a discussão prioritária em relação à Biblioteca Municipal que, além de ter-se transformado como que em um patrimônio ambulante, se ressentido - por dissidência dos últimos anos - de atenções especialíssimas tanto quanto ao seu acervo - que está defasado - quanto a pessoal especializado que não apenas a administre fisicamente, mas que a projete no sentido de sua atualização e desenvolvimento. Estes são, em nosso entender, os pontos principais que merecem grandes discussões como, aliás, este semanário tem feito já há cinco anos.

Quanto à transferência da Biblioteca Municipal para o Engenho Central, estamos ao lado dos que aplaudem a iniciativa, vendo, nela, um alvissareiro sinal de vitalidade cultural, pois o Engenho Central passou a ser vocacionado para uma missão catártica da cultura e das artes piracicabanas. Trata-se, em nosso entender, de uma feliz iniciativa, digna de aplausos e de apoio, não devendo ser considerados alguns dos aspectos que, em contrário a essa transferência, procuram criar empecilhos para a instalação da Biblioteca no Engenho Central. Em primeiro lugar, argui-se da distância, alegando-se que uma biblioteca municipal deveria estar localizada no "centro da cidade", facilitando o acesso a todos. Mas o que seria, hoje, o "centro de Piracicaba"? Seria o quadrilátero que se alinha em torno da Catedral? Seria a Rua Governador entre Voluntários e Rangel Pestana, o "centro comercial" antigo? E frisamos o "antigo" pois, hoje, Piracicaba se espraçou e podemos, assim, falar de muitos centros comerciais, da mesma forma como já se pode dizer de um "centro velho". Ora, a partir da localização da Prefeitura quase à beira-rio, o centro administrativo de Piracicaba também se transferiu, sendo visíveis e notórias a presença e a movimentação da comunidade naquela área. O próprio sistema de transporte coletivo, atualmente adotado, mostra inegáveis facilidades de acesso da população à sua Biblioteca Municipal que, na verdade, seria uma biblioteca-matriz pois há, de há muito, a iniciativa de se instalar bibliotecas básicas em centros comunitários. A distância não nos parece qualquer obstáculo para essa transferência, pois distância é, hoje, um referencial relativo na vida moderna, ainda que de importância básica. Se o Engenho Central fosse local tão inacessível, seria uma grande tolice pretender transformá-lo, como já está acontecendo, em um grande motor das atividades culturais e artísticas piracicabanas. Um centro cultural no Engenho Central é um privilégio de poucas cidades e biblioteca não é local para grandes concentrações populares, mas um espaço para estudo, pesquisa e reflexão.

Quanto à umidade do local - que poderia, sim, caso estivesse acima da umidade normal vir a prejudicar o acervo da Biblioteca - não cremos que isso seja uma dificuldade técnica insolúvel, desde que exista. Pois existem, modernamente, técnicas apuradas para resolver o problema de umidade, de forma que se protejam os livros da ação climática onde se inclui a umidade relativa do ar. Não fosse assim, seria impossível haver bibliotecas em Veneza, nos litorais do mundo, em Manaus, locais úmidos por sua própria natureza. A própria E.S.A. "Luiz de Queiroz" resolveu o problema de umidade, construindo um prédio adequado e adequando a sua estrutura às necessidades da biblioteca daquela escola. Supondo, pois, que a umidade seja um problema, eis aí um dado de fácil solução, desde, obviamente, que se acredite, como estamos acreditando, que o assunto seja definido por técnicos e não por curiosos.

Alinhamo-nos, pois, aos que aplaudem a transferência da Biblioteca para o Engenho Central. Esse pólo catalizador da cultura piracicabana é um dos poucos motivos que temos, hoje, para nos envaidecer de Piracicaba. Quanto mais se lhe dêem condições para ser o centro mobilizador da cultura piracicabana, mais Piracicaba ganhará com isso.

Crônica

Paula, uma paixão

Beatriz Elias

De repente, ela aparece na tela. As vezes seu olhar é triste, em outras pula, berra, grita como as que estão à sua volta, como a pedir que reajam. Suada, cabelos sempre puxados para trás, quando o sorriso aparece ou a vibração explode, sua imagem não deixa de comover. Especialmente para quem a conhece mais de perto, sabe de sua irreverência debochada entre os amigos mais íntimos e de sua timidez indizível, quando em locais públicos.

Bobagem escrever sobre ela. Quem poderia ser mais poético, mais apaixonado que Armando Nogueira ao compará-la, anos atrás, se não me equivoco, a uma borboleta? Ou, então, como reproduzir a emoção de imagens que a televisão congela, faz voltar atrás, repete e refaz, como que a ser dona do tempo, capaz de mais uma vez mostrar beleza, alegria, tristeza ou emoção?

Portanto, melhor mesmo é escrever sobre o que ela produz sobre os outros. Afinal, o mínimo que posso admitir é que meu marido está definitivamente apaixonado por ela. A cada jogo, a cada partida ele vibra, rói as unhas, xinga o juiz, reclama da sempre adversária Hortência que quer normalmente ser mais festejada e aclamada.

Duvido que ele entenda muito detalhadamente as regras do basquete, mais aí, então, o melhor, é concordar com suas opiniões, suas reclamações, suas sugestões técnicas. Ele quer mesmo é Paula na quadra e, não raro, quando ela erra uma cesta e a câmera mostra seu olhar triste, ele insiste que queria mesmo é estar por perto para carregá-la no colo e consolá-la. Quando ela acerta, ele me olha, com uma superioridade inatacável, como quem quisesse dizer: "viu? ela é mesmo a melhor, a mais bonita, a mais charmosa, a mais inteligente, que nem ela nenhuma outra".

Não consegui, até hoje, descobrir bem de onde vem esta paixão que já o fez escrever crônicas especiais sobre ela - que talvez, por discricão, ele só tenha publicado em Campinas - onde ambos se cruzaram pessoalmente uma ou duas vezes. E conhecendo

aos dois, duvido que tenham trocado mais do que meia dúzia de frases, detidos por uma timidez muito peculiar.

Fico como observadora calma e contida, à distância. Não porque as paixões de meu marido não me preocupem, absolutamente. Mas como já convivo com algumas outras - como a que ele nutre, há muito mais tempo por Caroline de Mônaco, ou pelo primeiro amor de adolescente por uma sensual Schirley - pelo menos neste caso, consigo entender, acompanhar suas reações e às vezes, até achar que ele tem razão. Afinal, quem é que não carrega - mesmo que inconfessadamente - seus amores platônicos, seus sonhos impossíveis, suas paixões incompreendidas? Isto significa estar vivo, ser capaz de emocionar, ir além das convenções da idade, dos limites do social. E acho ótimo vê-lo assim, embora só admitindo sua incontornável admiração por Paula como se fosse de um simples tiete.

E afinal, se há tantos que a amam, porque não ele? Sei de um admirador mais audaz, que além de incontáveis cartas, chegou a querer fazer-se amigo da família, encontrou endereço, bateu à porta de sua casa, declarou seu amor, deixou flores, insistiu nos telefonemas, e, como muitos outros, decerto continua de olhos fixos na telinha, todas as vezes que ela aparece.

De minha parte, como nunca fui muito chegada a esportes e sequer tenho agilidade para conseguir pegar as bolas que meu filho adolescente raras vezes insiste em me jogar, torço mesmo é para que Paula continue sendo a cada vez mais festejada atleta, a mais brilhante, que maior número de convites receba para viajar pelo mundo todo, que seja aplaudida por príncipes, esportistas e cartolas. Porque, com tantos ao seu redor, é bem pouco provável que ela optasse por um escritor que gosta mesmo é das madrugadas ao lado das teclas, de ver as folhas brancas encherem-se de letras e de encontrar-se a si próprio nestes momentos. Embora, sinceramente, eu lamente. Ela não sabe o que está perdendo...

Parece inevitável que eu volte a pensar em meu pai, de lembrar-me dele. Há muitos anos que lá se foram, ouvi alguém me dizer que, quanto mais passasse o tempo, mais os filhos se voltam para a lembrança e a memória de seus pais. Alguns outros diziam que, com o tempo, os filhos vão adquirindo as feições, os hábitos, a maneira de ser de seus próprios pais. "Você é a cara de seu pai!" - já ouvi dizerem-me. "Você está com a voz de seu pai." - já ouvi outros falarem. E eu mesmo descobri que adquiri algumas manias de meu pai: o de olhar a cabeça quando estou preocupado ou embaraçado; o de passar a mão no rosto, em sinal de timidez; o jeito de cruzar as pernas, quando de bem com a vida.

Deus me deu a graça de descobrir que a imagem de meu pai é a que mais me marcou a vida. Não foi nenhum dos grandes vultos - que conheci pessoalmente ou de que tomei conhecimento por livros e por sua história - quem me marcou a vida. Descobri que é meu pai a pessoa que ficou em mim, aquele em quem pude e sempre poderia confiar. Pois, quando me vejo em dúvida ou em conflito, não é em filósofo, em estadista, em qualquer figura histórica que penso, mas em meu pai. E pergunto-me: "o que o meu pai faria se estivesse em meu lugar?" Nem sempre sei ou descubro, nem sempre a resposta me vem, mas é em meu pai que me descubro indo em busca de uma fonte de inspiração.

Confesso que havia algo que me incomodava: o meu relacionamento com os meus filhos. Ora, eu sempre fui um pai apaixonado, daqueles pais bobos de cercar filhos de todos os cuidados, de não conseguir estar longe, de querê-los perto de mim. A pouco e pouco, fui apartando-me, distanciando-me, à medida que eles foram crescendo, tornando-se adultos. Sofri com isso, com esse meu distanciar-me, com esse meu ficar na retaguarda, recusando-me a participar do dia-a-dia, do cotidiano deles. Pensei que, no fundo, isso era coerência prática com a teoria que sempre lhes ministrei: "Filhos, a vida é de cada um de vocês, vivam-na". Mas não era nada disso, agora eu acho que

sei. Pois eu vi, num momento de minha vida, meu pai ir-se afastando de mim, ir-se afastando de meus irmãos. Ele estava presente em todas as horas difíceis, mas distantes nas horas alegres e serenas. E, à medida que se ia afastando, mais ele se ia apegando ao seu violino. Quanto mais nós, seus filhos, íamos em direção aos nossos caminhos, mais ele, nosso pai, mergulhava em seu mundo pessoal, a música, o silêncio, o violino, o recolhimento.

Penso que - e confesso-o agora - meu pai se cansou, ou todos os pais se cansam depois

que, muito mais do que uma simples teoria, é uma realidade que os filhos são donos de suas próprias vidas. Acho que é aí que vem o cansaço, ou, então, a sabedoria. No fundo, o êxito dos filhos - quando seguem o caminho que escolheram e não o que os pais lhe traçaram - acaba sendo uma derrota dos pais. E é dessa derrota que vem a libertação.

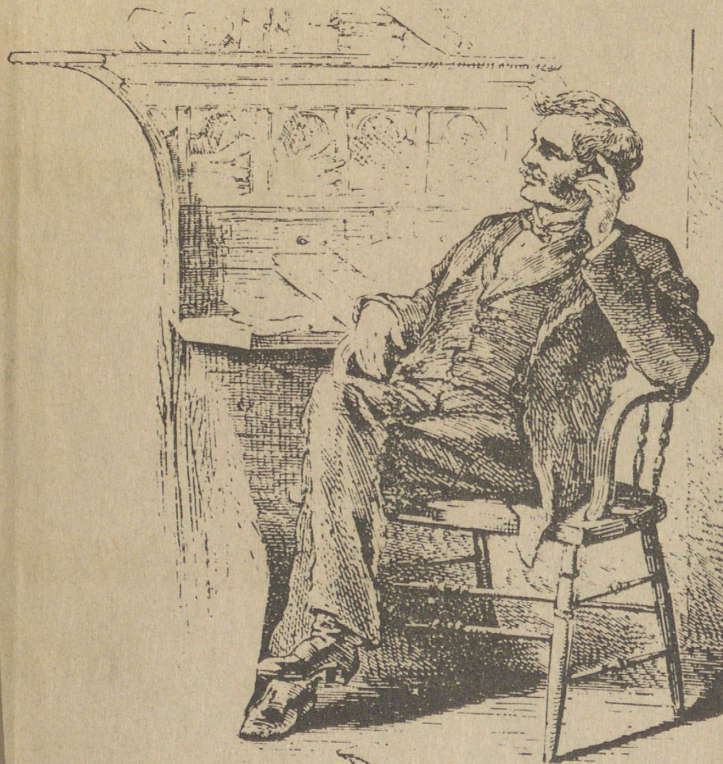
Penso em meu pai, querendo-me médico, estimulando-me a estudar medicina. E me lembro de como, rebeldemente, reagi. E me lembro dele desesperado por ver-me mergulhando no jorna-

lismo, profissão que, para ele, era própria de boêmios e de poetas, e ele tinha razão. Mas eu quis e fui, contra ele, aborrecendo-o. E vi quando, olhando minha cami-

nhada definitiva, ele desistiu de orientar-me para o que ele julgava ser o melhor ou o mais certo para mim. Foi assim com todos os meus irmãos: cada qual seguiu seu caminho, nenhum deles o idealizado ou desejado por meu pai. A vida e isso. Hoje, compreendo que, sentindo-se derrotado nos sonhos que teve para os seus filhos, meu pai retornou ao seu sonho verdadeiro, o seu sonho

maior: ser violinista. No final de sua vida, tenho a certeza de que o violino era, para o meu pai, mais importante do que qualquer de seus filhos ou netos. E ele nos amava, ah! como nos amava. Mas o violino não era seu amor, era a sua alma.

Estou compreendendo isso tudo, agora. Sofri muito quando vi os filhos seguindo os seus caminhos que não foram os que havia idealizados para eles, os sonhos, que não consegui realizar, querendo o que quiseram. Eu fui derrotado. E me libertei. Os meus sonhos são meus, eu sou eu, minha alma é a minha alma. Por isso, hoje, não tenho medo de dizer que consigo viver à distância de meus filhos, mas que não conseguiria, jamais, viver longe de minha máquina de escrever. Meus filhos são parte de mim. Minha máquina de escrever é minha alma. O mundo caía, meu pai tocava violino. O mundo está caindo, eu escrevo. (CECILIO)



A Província

PROPRIEDADE:
PEC-Promoções,
S.C. Ltda.

Diretor-Responsável:
CECILIO ELIAS NETTO

Editora
BEATRIZ ELIAS

Conselho Editorial
Roberto Antonio Cera,
e João Maffei Netto

Representante para todo o Brasil, com exceção da região de Piracicaba:
ESSIE - Publicidade e Comunicação S/C Ltda.
Rua Vergueiro, 1071 - Tel. Seq.: (011) 288-2599
Fax 288-2623 - CEP - 01504 - São Paulo - SP

Fotolito e Impressão - Grafcorp

Shopping Center Zillat Rua Governador Pedro de Toledo, 1432
Box 02 - Fone: 33-0244 - Piracicaba

História

Os jardins de Salgot Castillon

Texto de CECILIO ELIAS NETTO

Um dos grandes equívocos da política piracicabana está na análise que vem sendo feita - atualmente até mesmo como paradigma de administração municipal - em torno de Luciano Guidotti (1956/59 e 1964/67) e Francisco Salgot Castillon (1960/62 e 1969), assunto que estaremos revisando no livro "A história que eu sei - 50 Anos de Memória Política", a ser publicado ainda este ano. Na realidade, deve-se creditar, a Luciano Guidotti, o início de uma "revolução urbana" em Piracicaba, o homem que acabou colocando um ponto final na antiga fase do "perrepismo-coronelista", simbolizado por duas figuras respeitáveis do passado, Luiz Dias Gonzaga e Samuel de Castro Neves. Dentro de um contexto em que se conjugaram muitos fatores favoráveis, Luciano Guidotti imprimiu o início da modernização de Piracicaba. Em contrapartida, a Francisco Salgot Castillon tem sido atribuída a "revolução rural", com os gran-

des benefícios que, em sua administração, foram levados à zona rural, especialmente em estradas e na iniciativa pioneira na América Latina de telefonia e eletrificação rurais.

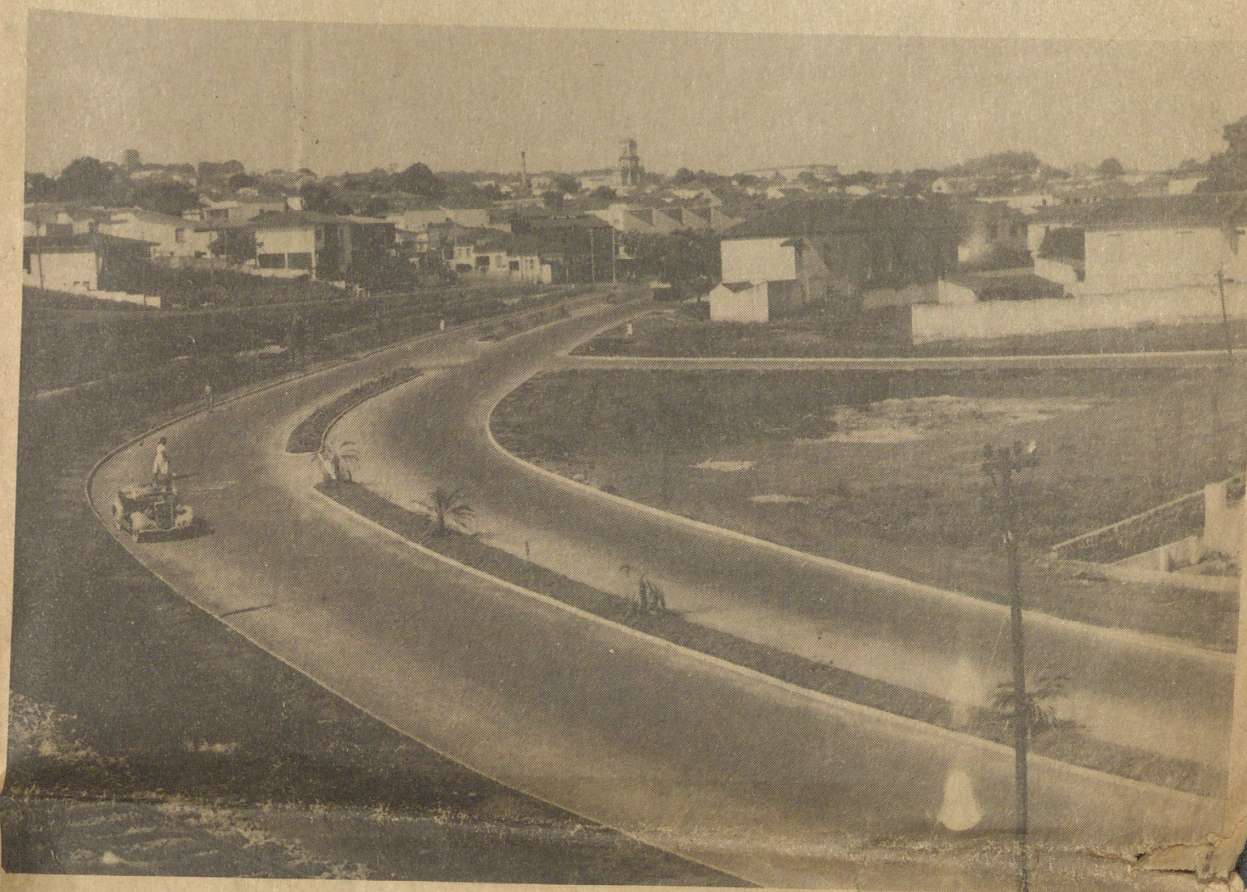
Não tem havido, porém, justiça, em nosso entender, à administração de Francisco Salgot Castillon que, em prazo de tempo muito menor - pois Salgot deixou a Prefeitura para se candidatar a deputado estadual, elegendo-se - transformou Piracicaba num verdadeiro canteiro de obras. A reconstrução do Mirante foi um dos exemplos. E outros são os jardins construídos na administração de Salgot Castillon. As fotos que estamos publicando, datadas de 1960, devem servir de subsídios aos que tentem analisar a reinterpretar aquele fértil período da política piracicabana.

O novo Mirante

Um dos pontos mais característicos de Piracicaba, juntamente com o Salto e a Rua do Porto, sempre foi o Mirante, local onde, no passado, as famílias se reuniam para piqueniques. Em 1960, quando Salgot Castillon assumiu a Prefeitura, o belíssimo local estava praticamente abandonado, quase que em ruínas. A reconstrução do Mirante deu margem a muitas críticas que, no entanto, foram silenciadas quando a obra foi entregue à população. As fotos - a da capa incluída - são do estado em que se encontrava o Mirante antes de sua reconstrução.



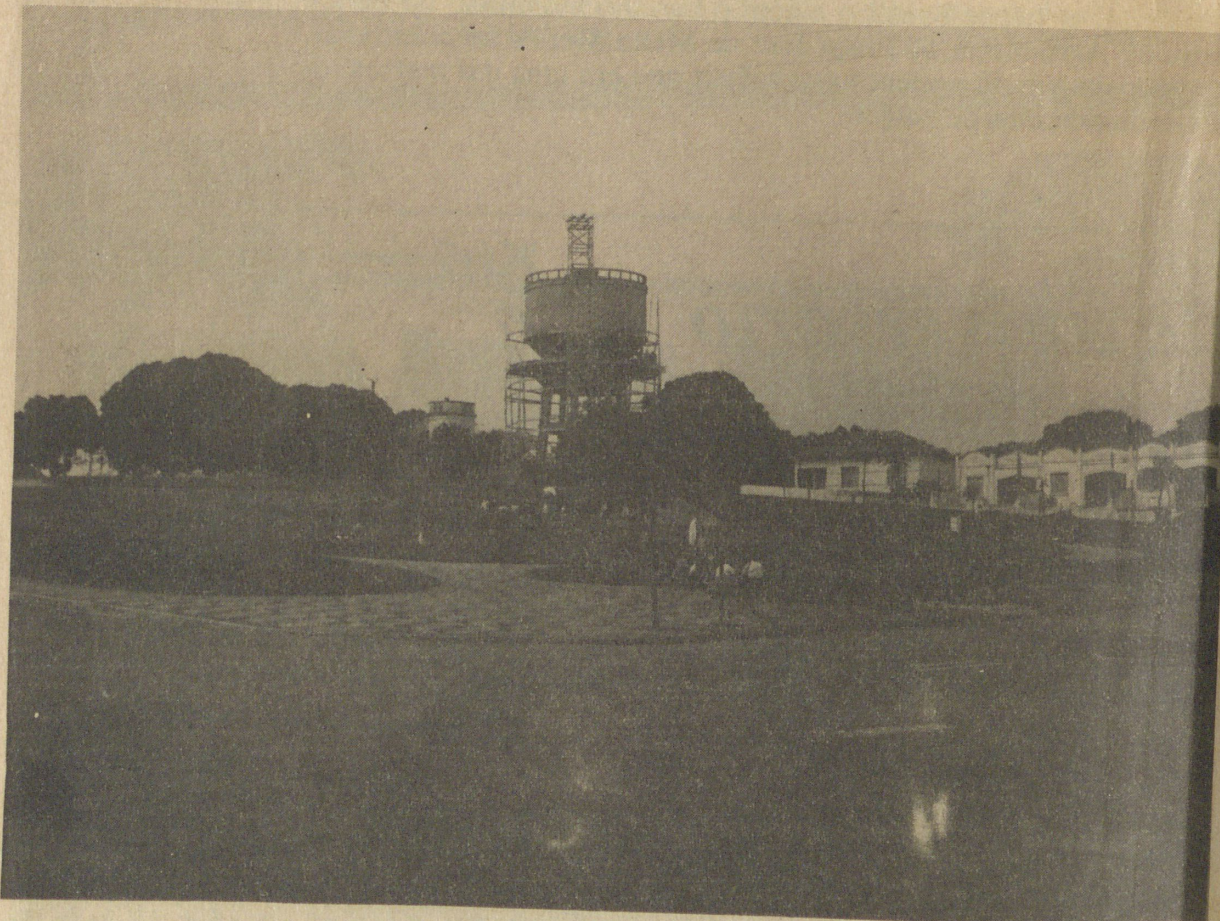
Arborização da Armando Salles



A Avenida Armando de Salles Oliveira foi iniciada na administração Luiz Dias Gonzaga, com dois quarteirões pavimentados, e mais dois na administração de Samuel de Castro Neves. Luciano Guidotti foi o responsável pela cobertura do córrego Itapeva, que corre sob a avenida, em todo o restante de sua construção. O ajardinamento, porém, coube a Francisco Salgot Castillon que, aproveitando-se dos canteiros centrais e dos espaços laterais, procedeu ao plantio de árvores e dos gramados.

Jardim do Cemitério

Duas obras importantes para o abastecimento de água da cidade foram feitas no chamado "jardim do Cemitério da Saudade". Na administração de Luciano Guidotti, ergueu-se a imponente caixa d'água, sendo o reservatório - que abasteceu Dois Córregos, Piracicamirim, Paulicéia, etc. - construído por Salgot Castillon. O ajardinamento da praça também foi realizado na administração "salgotista", com bancos de granito e espelho d'água. A foto mostra o local em fase de conclusão.



O "Alfredo Cardoso"



A instalação e construção do então Grupo Escolar "Dr. Alfredo Cardoso", na Cidade Alta, foram comemoradas com entusiasmo à época. Piracicaba estava desenvolvendo-se cada vez mais no chamado "Bairro Alto" que, assim, foi ganhando outras praças e logradouros públicos. O jardim do "Alfredo Cardoso" foi um deles. E outros mais teríamos na cidade, no mesmo período: a Praça Takaki, na Paulista; o jardim atrás da Catedral, depois derrubado na administração João Herrman Neto, o da Escola Industrial, etc.

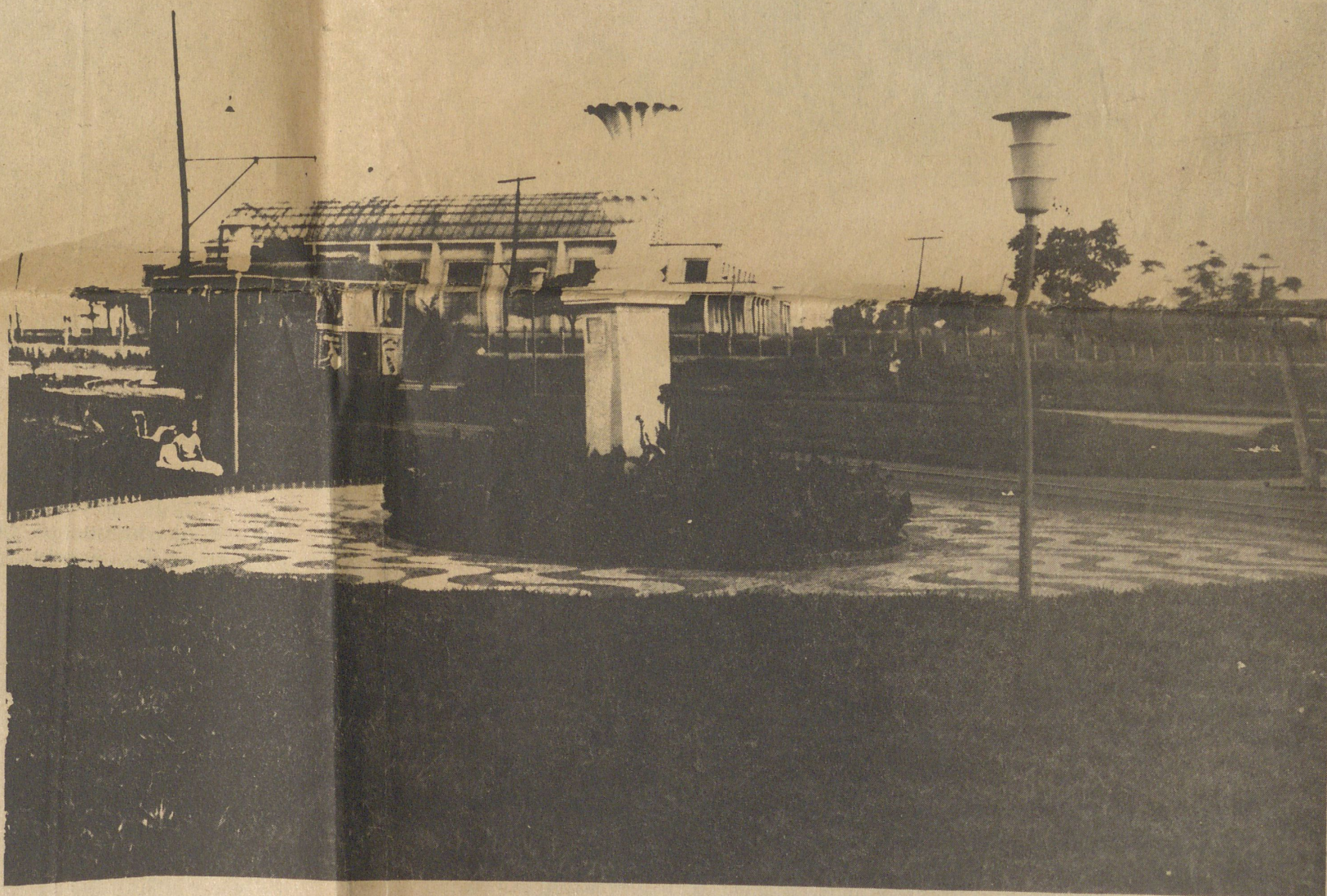
O "Dr. Prudente"

A Cidade Jardim foi o primeiro loteamento de grande expressão urbanística em Piracicaba, criando-se um novo núcleo habitacional - classe média-alta - em terrenos inteiramente descampados. Quando, no local, se construiu o então Grupo Escolar "Dr. Prudente de Moraes", a Cidade Jardim já era um cartão-de-visitas

de Piracicaba. No entanto, nos terrenos baldios pastavam vacas, por eles andavam animais soltos, etc. As fotos mostram como era o local, ao lado do "Dr. Prudente" e como passou a ser, depois que o Prefeito Salgot Castillon se propôs a ajardinar também a área.

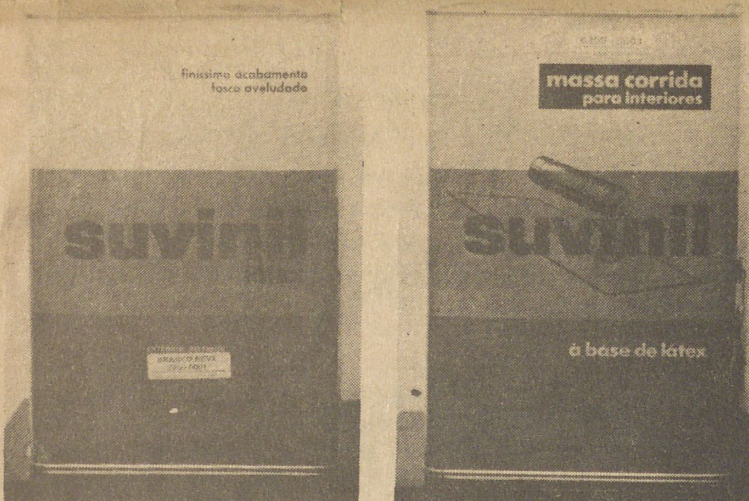


Praça Mello Moraes



Nas proximidades da E.S.A. "Luiz de Queiroz", foi construído o então Grupo Escolar "José de Mello Moraes", nome dado em homenagem a um dos respeitáveis professores daquela escola, "prof. Melinho". O local era, ainda, de pequena densidade demográfica, quase bucólico e com o barulho monótono do bonde que ia à Escola de Agronomia. A Praça José de Mello Moraes foi construída, também, em 1960, chamando a atenção o chafariz que era uma das marcas registradas dos ajardinamentos de Salgot.

Pintou mais uma! Tintas em geral é na Maluf Comercial



No mês de aniversário da "Noiva": dê parabéns a ela em "caipiracicabanês"!



(Volumes I e II)

O dicionário com as delícias do refinado
dialeto caipiracicabano
de **Cecílio Elias Netto**

À venda na Libral, Multilivros e Agência Gianetti

Até 1889, o cidadão piracicabano tinha que buscar sua correspondência no prédio onde morava o Agente do Correio.

Um ofício dava notícia à Câmara que a Administração do Correio pretendia instalar em Piracicaba o sistema de correio domiciliar. Dizia o documento:

"São Paulo, 15 de março de 1889

Inspirado pelos mais ardentes desejos de contribuir para o melhoramento do serviço postal desta Província, de que tenho a honra de ser humilde Administrador dos Correios, reconhecendo a necessidade de estabelecer a mais pronta e regular entrega da correspondência em todos os lugares, em que o comércio e a lavoura têm grande incremento e prosperidade e onde se acha aglomerada importante população, é de meu dever esforçar-me para pôr em execução a medida indicada no art. 69 do Regulamento dos Correios, de 26 de março do ano próximo passado, de "em todos os lugares, cuja população exceda de 5.000 almas, a correspondência ser levada aos domicílios".

A Realização desta providência em vista do que atualmente se passa em muitas localidades, é de toda a urgência. Devido à avidez culpável da recepção da correspondência, ou ainda, a pouca prudência de alguns indivíduos, não raras vezes a ordem pública é alterada e, como consequência, o serviço recente-se de irregularidades e é executado atropeladamente.

Achando-se a cidade de Piracicaba nas condições do men-

cionado artigo do Regulamento, uso vir pedir a coadjuvação de V.V. SSas.

Para o obtenção desse fim torna-se preciso que sejam cumpridas as instruções que recebi de provar a realidade da existência de uma população superior a 5.000 almas na cidade.

Essa digna corporação é a mais apta para fornecer-me os dados estatísticos que isso comprove. Rogo, portanto, a V.V. SSas. que se dignem fornecer-me, como documento autorizado dessa Câmara Municipal, as declarações exaradas na nota, abaixo transcrita, para fazê-las juntar à requisição que tenho de apresentar ao Governo Imperial, a fim de ser autorizado a nomear carteiros que executem o serviço da entrega domiciliária da correspondência nessa cidade.

Aguardando de V.V. SSas. sua valiosa cooperação em pród deste serviço público e principalmente desse Município, tenho a honra de apresentar a V.V. SSas. os protestos de minha mais distinta consideração e respeito, pedindo que com a brevidade possível me sejam fornecidos os referidos dados, para que numa só exposição possa solicitar do Governo Imperial a autorização para todas as localidades desta Província, que se acham nas condições desse florescente e adiantado Município.

Deus Ge. V.V. SSas, Ilmos. Srs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Piracicaba.

O Administrador
Manoel Marques de Sá



Funcionários Municipais Fardados

Já a preocupação com a aparência do funcionário fardado foi motivo de debates na mesma época. Tudo começou com pedido feito pelos próprios funcionários dos anos de 1894, conforme se lê abaixo:

"Cidadãos Presidente e Membros da Câmara Municipal Adolfo Antônio da Silva, João Batista de Campos Leite, e João Teodoro Hufenbacher, vêm pedir-vos para usarem um vestuário especial, isto é, farda e bonet, com os dísticos - fiscal, ou Secretário no bonet, para facilitar o serviço ao público e impor mais respeito, visto que são pouco

atendidos por andarem em traje civil e não haver um distintivo por onde se dêem a conhecer.

Do deferimento
E.R. Mce.
Piracicaba, 30 de maio de 1894
Fiscal - Adolfo Antônio da Silva
Fiscal - João Batista de Campos Leite
Secretário - João Teodoro Hufenbacher"

O requerimento foi encaminhado à Comissão de Polícia que deu Parecer favorável do qual resultou a seguinte

"Lei Sobre o Fardamento dos Empregados Municipais

A Câmara Municipal da cidade de Piracicaba decreta a lei seguinte:

Artigo 1º - Ficam obrigados os empregados da Câmara, Secretário, Fiscais, Porteiro, administrador e Servente do Mercado a usarem farda durante o exercício de suas funções.

a) A farda do Secretário constará de blusa de pano preto, com botões de metal amarelo e blusa de brim pardo com botões pretos de coco, tendo ante-braço esquerdo as iniciais - C.M. - circundadas lateralmente por dois ramos de café e fumo bordados a ouro, bonet preto com cordão dourado e na frente o dístico - Secretário -.

b) A farda dos Fiscais, Porteiro, Administrador e Servente do Mercado, constará de blusa de pano azul-ferrete, com botões de metal amarelo, blusa de brim pardo, com botões pretos de coco, bonet azul com cordão de seda preta, tendo na frente as iniciais - C.M. - circundadas lateralmente por dois ramos de café e fumo, bordados a ouro.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Piracicaba, 3 de setembro de 1894
João Augusto Brito
Francisco Florêncio da Rocha

Joaquim F. de Sampaio
Dr. Joviniano Reginaldo

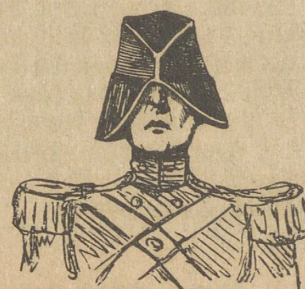
Alvim

Capitão Cristiano Matthiesen".

Imaginaram todos os cidadãos de agora se os funcionários municipais fossem, atualmente, obrigados a trabalhar fardados como manda a lei?

Teriam coragem de andar assim vestidos pelas ruas e praças da cidade, em pleno horário de Trabalho?

Tentou-se o uso do crachá, mas só para uso dentro da repartição? E como seria assustador o seu número!!!



Nossa batalha continua. Queremos mais para o povo. Queremos continuar legislando e aperfeiçoando as leis já existentes, para beneficiar todos os cidadãos que vivem em Piracicaba, tanto na cidade quanto na zona rural. Essa legislação terá sempre como meta, atingir os objetivos que cada cidadão tem para consigo mesmo e para a comunidade em que vive. Para isso, precisamos do apoio daqueles que gostam de ver a nossa Piracicaba como uma cidade linda e cheia de progresso, sob todos os aspectos. Seja em saúde, segurança, educação, habitação, nível de emprego, nível de vida, perspectiva de futuro para seus jovens e pais de família, ocasionando uma certa felicidade, necessária para uma vida digna.

MINI CURRÍCULO

Cirurgião-Dentista
Professor da Faculdade de Odontologia de Piracicaba-UNICAMP
Presidente da Associação dos Dentistas de Piracicaba (77 a 78)

Vereador Carlos Roberto Hoppe Fortinguerra

Nº 22.610 - Partido Liberal



Ex-Presidente do Rotary Club Piracicaba Cidade Alta (87-88)
Ex-Presidente do Conselho Coordenador das Entidades Cíveis de Piracicaba (82-83)

Ex-Vice-Presidente do Centro Social Cáritas (71 a 72)

Vice-Presidente e Tesoureiro da Assoc. dos Servidores da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (85-88)

Conselheiro Efetivo do Cons. Regional de Odontologia do Estado de São Paulo (86 a 88)

Representante da Faculdade de Odontologia de Piracicaba no Conselho Científico do Núcleo de Estudos Constitucionais da UNICAMP

Vereador da Câmara de Vereadores de Piracicaba

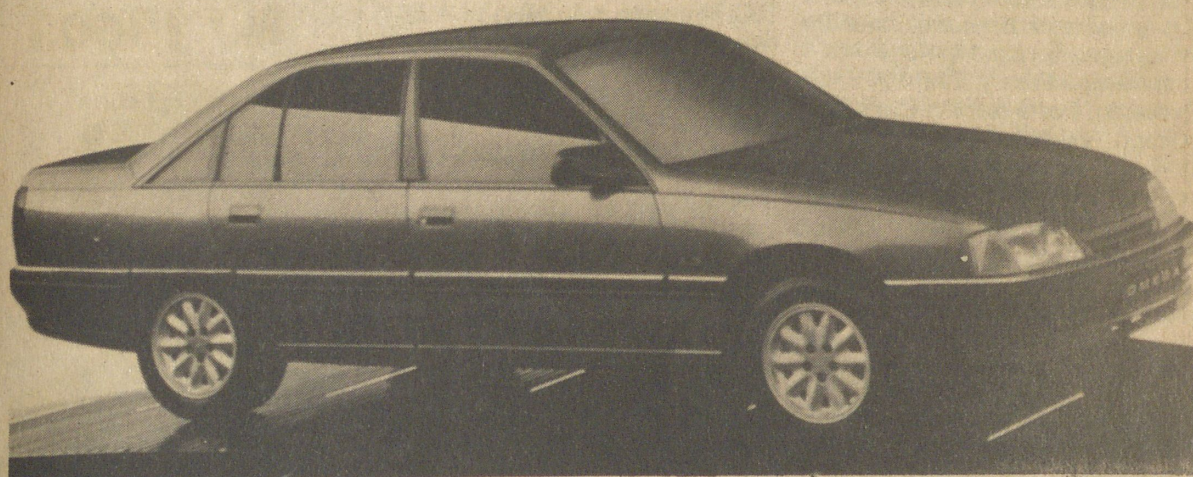
Líder do Partido Liberal na Câmara de Vereadores de Piracicaba

Presidente da Comissão de Educação, Saúde e Promoção Social da Câmara de Vereadores de Piracicaba

Representante da Faculdade de Odontologia de Piracicaba na Associação dos Docentes da UNICAMP (Adunicamp)
Presidente do Partido Liberal de Piracicaba

VOCÊ CHEGOU A UM PONTO EM QUE
REQUINTE, DESIGN, ESPAÇO, DESEMPENHO,
SÃO APENAS DETALHES.

VOCÊ CHEGOU AO OMEGA.



OMEGA
ABSOLUTO



COLINA MERCANTIL DE VEÍCULOS S.A.

A TRADIÇÃO CHEVROLET EM PIRACICABA
AV. SALDANHA MARINHO, 1900 - FONE: 333-888

AGORA NO SHOPPING
CENTER ZILIAT

BRASIL

LOJA 22 - FONE: 33.5496

Memórias de um Repórter Esportivo

A História da Lei de Acesso - nº 42

1985: Calouros substituem Veteranos na Primeira Divisão

Moji Mirim foi o campeão e o Novorizontino o vice

Texto e fotos do Arquivo de Rocha Netto

Sem a participação das equipes das cidades de Orlândia, Guaratinguetá, Lençóis Paulista, Barra Bonita e Amparo, o Campeonato da 2ª Divisão de Profissionais de 1985 teve início no dia 1º de maio, com 52 clubes, divididos regionalmente em quatro grupos de 13 equipes cada um, conforme a relação seguinte:

GRUPO VERDE: Taubaté, Bragantino, Saltense, Primavera, Nacional, União, Atlético Ituano, Cruzeiro, São Bernardo, São José, Aparecida, Portuguesa e Saad.

GRUPO BRANCO: Moji Mirim, Independente, Derac, Rio Claro, Velo, Rio Branco, Pinhalense, Guaçuano, União Agrícola Barbarense, Palmeiras, União São João, Lemense e Capivariano.

GRUPO AMARELO: Novorizontino, Garça, Taquaritinga, Internacional, Linense, Radium, Sãocarlense, Sertãozinho, Bataiais, Jaboticabal, Catanduvense, Francana e Barretos.

GRUPO PRETO - Tanabi, Vocem, Santa Fé, Rio Preto, Jalense, Penapolense, Fernandópolis, Bandeirante, Votuporanguense, Corinthians, Dracena, Candi-omotense e Araçatuba.

A QUEDA DE DOIS

Disputado nos mesmos moldes de 1984, dois clubes subiram para a 1ª Divisão e o último e o penúltimo da Primeira, foram rebaixados, sem a chance do rebolo, que funcionou até 1983 em favor do penúltimo classificado.

Esse campeonato que levou 8 meses, terminou na noite de 14 de dezembro de 1985, quando o Parque Antártica teve ligado os seus refletores para recepcionar os concorrentes ao Quadrangular, que acabou apontando os dois novos integrantes da 1ª Divisão.

Depois do turno e do retorno, da primeira fase, tivemos o início da segunda etapa, que contou com a participação de apenas 16 clubes: Moji Mirim, Linense, Rio Branco e Independente (todos do Grupo Branco); Tanabi, Araçatuba, Fernandópolis e Vocem (Grupo Preto); Taubaté, São Bernardo, Portuguesa e Cruzeiro (Grupo Verde); Novorizontino, Barretos, Sãocarlense e Francana (Grupo Amarelo). Desses 16 clubes classificaram-se para o Quadrangular final, os campeões dos Grupos: Moji Mirim, Novorizontino, Taubaté e Tanabi.

Antes do início do Quadrangular, o São Bernardo tentou, por intermédio de uma liminar, a vaga do Taubaté, alegando que o ponto que perdeu na partida contra o Cruzeiro (1 a 1), não foi legal, já que o jogador do Cruzeiro, escolhido para o exame antidoping, negou-se a fazê-lo, con-

trariando a lei. Mas de nada adiantou aquele recurso, pois o São Bernardo não disputou o título, como queriam os seus dirigentes.

Os quatro finalistas até a última etapa, tiveram campanhas bastante equilibradas, depois de cumprirem as duas primeiras fases do campeonato. Cada clube disputou até aquela altura 30 jogos, com os finalistas alcançando estes números de pontos: Tanabi, 45; Taubaté, 44; Moji Mirim, 44 e Novorizontino, 40.

Quadrangular Final

Durante a realização do Quadrangular Final, foram estes os resultados colhidos pelos concorrentes: Moji Mirim 0 x Novorizontino 0; Moji 2 x Tanabi 0; Moji 1 x Taubaté 0; Moji 1 x Novorizontino 1; Moji 1 x Tanabi 1; Moji 2 x Taubaté 0; Novorizontino 1 x Taubaté 0; Novorizontino 1 x Tanabi 0; Novorizontino 2 x Taubaté 2; Tanabi 2 x Taubaté 2; Tanabi 2 x Taubaté 1.

Depois dessas dozes partidas ficaram assim classificados os finalistas: Moji Mirim, 9 pontos ganhos, 7 gols pró e 2 contra; Novorizontino, 9 pontos ganhos, 7 gols pró e 4 contra; Tanabi, 6 pontos ganhos, 7 gols pró e 4 contra; Taubaté, 1 ponto ganho, 4 gols pró e 11 contra. Foram assinalados 26 gols, nesse Quadrangular.

Durante todo o campeonato, o maior artilheiro foi Mário Celso Carneiro, o "Tourinho", centroavante do Tanabi, que marcou 18 gols. A rodada final foi realizada à noite, no campo do Parque Antártica. Na preliminar o Novorizontino derrotou o Tanabi por 1 a 0; na partida de fundo o Moji Mirim pisou o campo, já com a sua classificação garantida. Entrou como vice e deixou o "Palestra Itália" como campeão, depois de vencer o Taubaté por 2 a 0.

No ano seguinte o Moju Mirim, campeão, e o Novorizontino, vice, ascenderam à 1ª Divisão, ocupando os lugares do E.C. Noroeste e do Marília Atlético Clube.

As Fichas Técnicas

As equipes que fizeram a primeira partida da noite de 14 de dezembro de 1985 (um sábado), estiveram assim escaladas:

NOVORIZONTINO - Toni; Tuíte, Jarbas, Wilson e Zé Mário; Zilinho, Paulo e Valmir (Betinho); Carlinhos, Ricardo (Linhas) e Serginho. Técnico: Váler Zaporolli.

TANABI - Durval; Baiano, Camilo, Ataliba e Jorge; Lacerda, Bira e Celinho (Marco Aurélio); Teco (Lula), Mário Celso e Sidnei. Técnico: José Naves da Silva.



Os defensores do Moji Mirim (ao alto) e do Novorizontino (abaixo), campeões e vice-campeões de acesso do ano de 1985. Ambos ascenderam em 1986 à 1ª Divisão do futebol paulista. Fotos de Paulo Whitacker.

Serginho, aos 16 minutos da primeira etapa marcou o único gol da partida, que foi arbitrada por Roberto Nunes Morgado.

MOJI MIRIM X TAUBATÉ

No jogo de fundo, os times jogaram assim constituídos:

MOJI MIRIM - Fernando; Éderson, Ulisses, Roberto e Haroldo; Osmarzinho, Henrique e Oscar (Miltinho); Silvinho, Donizete (Jorge Demolitor) e Eliel. Técnico: João Magoga.

TAUBATÉ - Pizelli; Fidélis, Jair Gonçalves, Ailton e Capone; Almir, Carlos Augusto e Ronaldo; Paulo César (Silvinho), Porto Real e Golias (Luis Carlos). Técnico: Piorra Mendonça.

Marcaram os gols que deram o título de campeão ao Moji Mirim, Eliel, aos 12 minutos da primeira etapa; Miltinho, aos 34 da fase final. Arbitrou a partida, Osvaldo dos Santos Ramos. A renda da rodada atingiu a 200.960 cruzeiros, com público pagante somando 4.600 pessoas.

Para esse último jogo da Segunda o Moji Mirim, time do presidente Wilson Fernandes Barros, não contou com o concurso do experiente Francisco Jesuino Avanzi, o popular "Chicão", ex-defensor do XV de Piracicaba, do E.C. São Bento, da Ponte Preta, do Santos F.C., do Clube Atlético Mineiro e da Seleção do Brasil, que se encontrava machucado, mas que, na arquibancada do "Palestra Itália" exibiu, com orgulho, a sua faixa de campeão pelo "Sapão", agora na Primeira Divisão do Futebol Paulista.

Campeonato Paulista de 1985

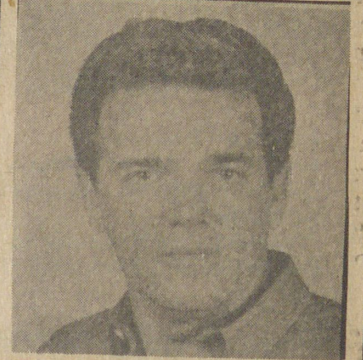
O São Paulo F.C. foi o campeão paulista de 1985 cabendo o vice campeonato ao time da Associação Portuguesa de Desportos.

Para apurar-se os dois clubes que deveriam ser rebaixados para a Segunda Divisão de 1986, bem como para ficar-se conhecendo os clubes que deveriam disputar o Quadrangular Decisivo (Portuguesa, campeão do 1º e São Paulo, do 2º turno), foram somados os pontos do primeiro e do segundo turnos, ficando assim classificados os 20 concorrentes:

- | | |
|-----------------------------|----|
| 1º) Portuguesa de Desportos | 32 |
| 2º) S. Paulo F.C. | 51 |
| 3º) Guarani F.C. | 45 |
| 4º) Ferroviária de Esportes | 42 |
| 4º) Corinthians Paulista | 42 |
| 6º) S.E. Palmeiras | 40 |
| 6º) Santos F.C. | 40 |
| 8º) América F.C. | 39 |
| 9º) A.A. Internacional | 38 |
| 9º) A.A. Ponte Preta | 38 |
| 11º) E.C. XV de Jau | 36 |

- | | |
|----------------------------|----|
| 12º) C.A. Juventus | 36 |
| 13º) E.C. XV de Piracicaba | 34 |
| 13º) E.C. Santo André | 34 |
| 13º) Paulista F.C. | 34 |
| 16º) Botafogo F.C. | 33 |
| 16º) E.C. São Bento | 33 |
| 18º) Comercial F.C. | 32 |
| 19º) E.C. Noroeste | 32 |
| 20º) Marília A.C. | 31 |

P/ VEREADOR TONINHO FAGANELLO



Nº 45650 PSDB
THAME P/ PREFEITO

Bebeto
N.º 15603

VEREADOR 92
P M D B

Usina Costa Pinto

Usina Santa Bárbara

Itelpa
Apoio Cultural

Churrascaria do Gaúcho
A melhor da cidade
Av. Comendador Luciano
Guldotti, 244
Fone: 22-9507

Apoio Cultural
MEFSA

Palacete Boyes: “a beleza e a perfeição das coisas antigas”

Texto de BEATRIZ ELIAS

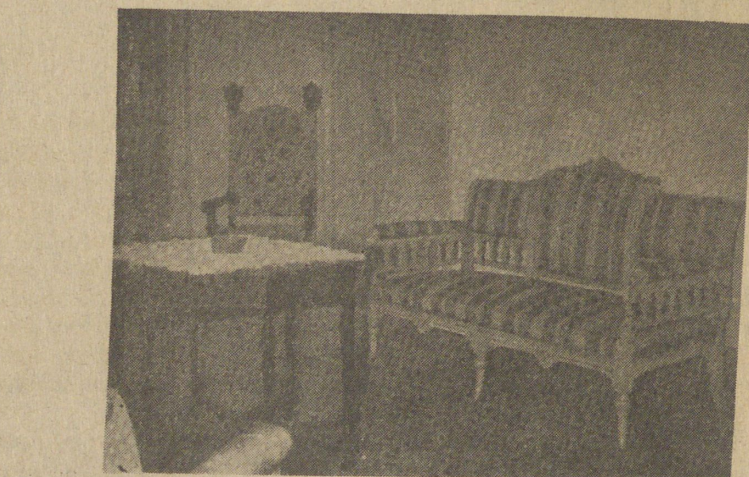
Corria o ano de 1876. Na década anterior, a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos, afetara profundamente a produção do algodão que abastecia toda a Europa. E o resultado foi que a nova cultura foi introduzida no Brasil, inclusive na região de Piracicaba, dando início a uma história que hoje tem como resultado um dos mais belos palacetes existentes no município. Cheio de requinte, de beleza e palco de recepções que trouxeram ao município, entre tantas autoridades, até mesmo um prêmio Nobel, ele hoje se encontra praticamente fechado, sem ninguém que o habite e completamente proibido à visitação pública. É um pedaço da história que permanece desconhecida e inacessível, podendo ser recontada apenas através de antigos artigos de revistas e jornais, escritos por políticos que um dia também frequentaram o Palacete Boyes, originalmente denominado Vila Aretuzina, quando era seu proprietário o senador da república, Rodolpho Miranda. Localizado à beira do rio Piracicaba, em um quarteirão inteiramente cercado, a área tentou ser tombada pelo então vereador João Chiarini, nos anos 50, sem ter recebido, entretanto, apoio do prefeito Samuel de Castro Neves.



A construção do palacete, originalmente, encontra-se diretamente vinculada à fundação da Fábrica Boyes, em 1876, por Luis Vicente de Souza Queiroz, certamente um dos grandes responsáveis pela evolução industrial de Piracicaba. Já naquele ano, a Fábrica Boyes funcionava com 50 teares, 2.500 fusos e 70 operários, muitos deles vindos diretamente da Europa em função da especialização exigida. A produção chegava a 700 mil metros de algodão anualmente, a maioria distribuída para São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.

Mas, ao lado do empreendimento industrial, Luiz de Queiroz construía também um espaço de requinte e beleza. Tratava-se do Palacete Boyes, onde ele chegou a residir com a esposa, vendendo-o no início do século ao então senador da República, Rodolpho Miranda, ex-ministro de Estado, homem de largas relações políticas e sociais que, em 1906, abriu um livro para registrar as visitas que por ali passassem. É, talvez, o mais detalhado dos documentos existentes sobre o centro cultural e político em que se transformou o local, já que o livro permaneceu aberto até o final dos anos 30, conforme relata extensa matéria publicada na revista Mirante, assinada por Sebastião Nogueira de Lima, presidente da Câmara Municipal de Piracicaba e interventor do Estado de São Paulo por alguns dias. Mesmo vendido em 11 de março de 1918, juntamente com a fábrica a um grupo inglês - de onde a denominação Boyes -, o local ainda

permaneceu por algumas décadas como ponto de encontro e parada dos mais notáveis visitantes que a cidade recebia, como ocorreu em março de 1927. Ali, no dia 13, registra-se no livro a passagem do escritor inglês Rudyard Kipling, prêmio Nobel em 1907, com a seguinte frase: “The hospitality of the North, again”. O que não impedia, também, que, à época, muitos piracicabanos fizessem do



local, privilegiado quadrilátero protegido por árvores frutíferas e ornamentais, espaço para concórdios “convescotes”, onde era frequente a presença do conhecido cantor Sebastião Delgado, inclusive acompanhado por grupos de escoteiros.

Para se avaliar a importância do local, basta recuperar os registros mencionados por Sebastião Nogueira de Lima, em matéria do segundo número da revista

Mirante, em 1957. É o caso da visita, a 20 de janeiro de 1907, de Washington Luiz, então Secretário da Justiça e da Segurança Pública, que mais tarde chegaria a prefeito de São Paulo e a presidente do País. É da mesma data, a menção da passagem de Anita Tibiriçá - filha do presidente da Província, Jorge Tibiriçá -, de Paulo de Moraes Barros, senador da república e A. Bia Bueno, delegado de polícia em Piracicaba e, posteriormente, deputado federal. E 1907 parece ter sido um ano especialmente movimentado no local. Ali alinham-se, ainda, as visitas de Rafael Marques Cantinho, ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo; Antonio de Pádua Salles, ministro de Estado; Elói Chaves, deputado e ex-secretário de Estado e B. Neto Araújo, também deputado. A maior movimentação ocorreu, entretanto, quando da passagem pelo palacete de vários diplomatas estrangeiros. Em maio, ali estiveram os cônsules da França, Alemanha e Portugal e, em junho, o ministro plenipotenciário da França, acompanhado do Conde Faily, secretário da Legação. O destaque ficou por conta de Paulo Doumer, estadistas francês, ex-governador da Indochina e mais tarde, presidente da França.

Nos anos seguintes, sucedem-se as menções de visitas de políticos e cientistas. É o caso de Gabriel de Toledo Piza e Almeida, ministro plenipotenciário do Brasil em Paris; do irmão do presidente Hermes da Fonseca, o deputado Fonseca Hermes; do presidente da Província de São Paulo, Altino Arantes e de Oscar Rodrigues Alves, secretário de Estado.

Já de propriedade dos ingleses, a Vila Boyes continuou recebendo e, transformada em casa de descanso da família, reuniu, em algumas ocasiões, vários grupos de pessoas. Em 1931, registra-se a passagem do financista inglês Otto F. Miemeyer, no Brasil a convite do governo federal para análise das finanças nacionais e a partir de 1936, muitas são as ocasiões em que o anfitrião passa a ser o gerente da fábrica, Ernest J. Norcross, que durante anos anteriores trabalhara em Xangai.

A última assinatura no livro é de 1937, de Raul Rocha, que o encerra com os seguintes dizeres: “Este belo recanto da natureza assombra porque tem a beleza e a perfeição das coisas antigas”.



De Luiz de Queiroz, à Família Boyes

Embora a Cia. Boyes tenha tido um papel fundamental e de destaque na história do desenvolvimento econômico de Piracicaba, muito pouco se escreveu e se pesquisou sobre ela. Os documentos e publicações são raros e não tendo seus proprietários, nas últimas décadas, se fixado e mantido relação mais próximas à cidade, a indústria praticamente se manteve à margem dos comentários e da curiosidade local. A não ser por uma greve em que ganhou as primeiras páginas dos jornais, muito pouco se disse e se analisou sobre a própria trajetória da Boyes.

Recente monografia apresentada como trabalho para conclusão do curso de Ciências Econômicas na UNIMEP, de autoria de Patrícia Hunher Haack, recupera, entretanto, um pouco desta história, apresentando inclusive detalhes significativos.

Retomando desde o surgimento do empreendimento, nascido em 1876 pelas mãos de Luiz Vicente de Souza Queiroz, com o nome de “Fábrica Santa Francisca”, Patrícia chega até os dias atuais, analisando especialmente a origem do capital que deu origem e garantiu a sobrevivência e o crescimento da fábrica. Segundo suas pesquisas, o também idealizador da ESALQ, já aos 24 anos de idade, herdou a Fazenda Engenho D'Água com a morte do pai, o Barão de Limeira. Ali, às margens do rio, ele criaria a nova fábrica de fiado todo o maquinário necessário da Inglaterra. De família ligada à agricultura do café, ele incentivaria, entretanto, o cultivo do algodão para abastecer os teares. E em 1876, quando iniciou sua produção, a Fábrica Santa Francisca, com 450 operários, representava 20% a 25% do setor têxtil do Estado. A pesquisa indica, entretanto, que, já em 1892, com outros interesses, Luiz de Queiroz torna-se sócio da Companhia de Cultura de Tecidos de Algodão S/A no Rio de Janeiro, transferindo a fábrica como contingente para o fundo social desta companhia. Sem que o novo grupo se interessasse efetivamente em explorar o potencial da fábrica, ela permaneceu fechada por

quase dois anos ao final do século, tendo sido reaberta em outubro de 1898, vendida a um sindicato carioca do qual fazia parte Manuel Buarque de Macedo, que viria a ser seu futuro proprietário.

Do Rio de Janeiro, o engenheiro transferiu-se para Piracicaba e assumiu diretamente a gerência da fábrica, numa transação em que à semelhança de uma hipoteca, colocava a própria empresa como garantia ao pagamento da dívida assumida junto ao Banco da República do Brasil. Mas a luta que caracterizou-se Buarque de Macedo nesta região deu-se com relação à criação de uma estrada de ferro que servisse Piracicaba. Sua pretensão era de construção de uma ferrovia que ligasse o município a Limeira, o que facilitaria inclusive o escoamento da produção, já que, para ser distribuída, ela necessitava inicialmente ir até São Paulo para depois retornar a outras regiões do Estado. Caso se concretizasse sua intenção, a ligação seria feita diretamente com a Paulista e a Mogiana, já em pleno funcionamento.

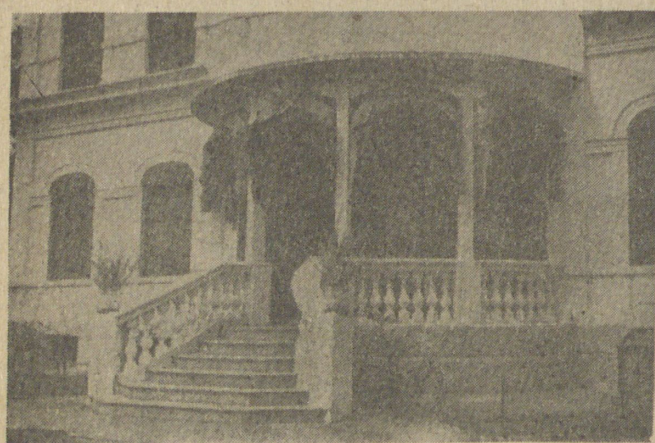
Desanimado com sua luta infrutífera - a cidade só resolveria o problema com a chegada da ferrovia Paulista em 1922 - Macedo viu o Banco da República do Brasil acabar por vender a fábrica a Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda, em 1902. Sua denominação passou, então, a Arethusa, em homenagem a sua esposa, Arethusa Pompéia de Miranda, irmã de Raul Pompéia, autor de “O Ateneu”. Político, Miranda foi ministro da Agricultura na presidência de Nilo Peçanha, senador estadual e chegou a disputar a sucessão da Província de São Paulo em 1912, perdendo as eleições para Rodrigues Alves por 1054 votos contra 64. Por suas relações, fez de Piracicaba um local de visitas e, especialmente, a própria fábrica onde várias das seqüências tinham, então, nomes ilustres personagens republicanos como Deodoro da Fonseca, Julio de Castilhos, Quintino Bocaiuva e Campos Salles, entre outros. Foi em seu período que a fábrica iniciou a produção das famosas casemiras, intro-

duziu reformas no maquinário e nas suas instalações.

A indústria mudará novamente de mãos em 1918, já então uma sociedade anônima por iniciativa do filho de Rodolpho Miranda. A transação é feita com a Boyes Irmãos e Cia, formada por Herbert James S. Boyes, inglês, que durante 12 anos trabalhara como gerente da Cia Industrial de São Paulo, e Alfred Simeon Boyes. À época, já possuíam a Fábrica São Simão, em São Paulo, adquirindo, em 1928, a São Bernardo. A Boyes Irmãos e Cia empregavam, então, um total de 2500 funcionários, representando 6% do operariado do setor têxtil do Estado. Uma curiosidade, detectada pela pesquisadora: Herbert era casado com Elvira Sterry, filha do diretor técnico que Luiz de Queiroz trouxera da Bélgica para dirigir a Fábrica Santa Francisca. Elvira nasceu e cresceu em Piracicaba, no próprio espaço da vila defronte a fábrica.

A grande crise da Boyes ocorre entre 1932 e a produção, em níveis normais, só seria retomada após o início da II Guerra Mundial, quando então ela se diversificaria também para as sacarias, além de brins e tecidos de duas larguras.

Até os dias atuais, a empresa permanece em mãos da família Boyes. Alfred Boyes foi o primeiro a falecer e sua parte foi transferida para a esposa, na forma de “metade do terreno e suas benfeitorias”. O restante foi deixado aos herdeiros de Herbert e Elvira, que tiveram quatro filhos. Arthur, foi morto durante a II Guerra e deixou sua parte a um sobrinho; Vergínia, ainda viva, é casada com um ex-presidente da Cia Antarctica; Kathleen, solteira, faleceu em 1991 quando ainda residia no Palacete Boyes e Doris casou-se com Norman Ford, que durante muitos anos dirigiu a fábrica. Hoje, a presidência cabe a um dos filhos do casal, Peter, sócio majoritário em função da herança deixada pelo tio Arthur, e a David. Ambos residem em São Paulo.



Recados

Sósias

Li, na "Veja", uma notinha em que se informa que, na abertura do próximo Salão Internacional de Humor de Piracicaba, estarão presentes diversos sócias de personalidades, entre os quais

Gorbachev.

Como espírito de colaboração, lembro aos organizadores do salão de que, aqui mesmo em Piracicaba, existe um sósia do Delfim Netto, trabalhando no Banespa. (CERA)

Por falar em Banespa

O "Informativo AFUBESP", jornal da Associação dos Funcionários do Bando do Estado de São Paulo, S.A., em seu número 211, de 30 de julho último, publica uma relação de 90 de seus funcionários e administradores, que estão cedidos a órgãos públicos, conforme informação da diretoria do Banco.

Dá para notar, à primeira vista, que esses funcionários e administradores estão, democraticamente, a serviço de vários partidos políticos, até mesmo do PT, tão vigilante quando se trata do assunto.

Entretanto, louve-se saber que Luiz Gushiken e Antonio Lucas Buzato, deputados combativos e trabalhadores, não utilizaram de seu prestígio em benefício próprio, a fim de conseguir promoções no quadro de carreira do Banco. Continuam como simples escriturários, o que é lógico e honesto, já que fizeram opção pela política e não produziram como seus colegas que verdadeiramente se dedicaram ao Banespa, fazendo dele o prolongamento de seus lares.

Lendo a relação de "funcionários cedidos" também temos a possibilidade de notar o absurdo de estarem afastados da instituição pessoas que chegaram a cargos de carreira dos mais elevados, até os de subgerentes do banco. Nesse caso, somente os funcionários da ativa é que sabem quem trabalhou verdadeiramente para conseguir tantas promoções e quem fez da política um meio para não trabalhar, mas para ser mais feliz do que quem labuta de verdade, no Banespa.

O leitor curioso poderá perguntar, aqui mesmo em Piracicaba, quem faz parte da mamata... (CERA)

Sobre o Salão de Humor de Piracicaba

O povo e a imprensa brasileira vêm sendo alvos de informantes bufões, quando se referem à história do nosso hoje internacional Salão de Humor de Piracicaba. Já, com o perdão da má palavra, com o saco cheio de tanta sandice, não mais consigo deixar de me manifestar sobre o assunto, procurando colocar os pingos nos iss:

Em 1972, sugeri a meu companheiro de organização do Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba - o artista plástico Ermelindo Nardin - a exposição de desenhos de humor, conjuntamente com a mostra Nardin foi receptivo e, ambos viajamos, com nossos recursos, ao Rio, onde mantivemos contatos com a patota do semanário "O Pasquim". O cartunista Jaguar relutou a princípio e aos poucos se entusiasmou, prometendo desenhos dos colegas de redação, e nos entregou um bilhete, hoje em poder do Nardin, em que autorizava os moços de Piracicaba a retirarem alguns de seus trabalhos coloridos, na Editora Abril.

Em 24/05/72, publiquei no jornal local "O Diário", na página "Recados", da qual era editor, uma nota falando da visita que fizemos a "O Pasquim" e de uma surpresa que estávamos preparando para a população. Por motivos diversos, inclusive falta de verba, não conseguimos expor os trabalhos de humor no Salão de Arte Contemporânea.

Passados alguns meses, estava na redação de "O Diário" e li a notícia de que estudantes do Mackenzie realizavam um salão de humor. Por acaso, Luiz Antonio Lopes Fagundes, Coordenador de Turismo da Prefeitura de Piracicaba, estava no local e lhe contei que a cidade poderia ter sido a primeira a realizar uma Sala de Humor, se tivéssemos recursos e mais apoio da outra administração municipal. Fagundes se entusiasmou e prometeu reservar verba para o próximo ano, quando voltaríamos ao assunto. A conversa foi presenciada por alguns colegas de redação e, um deles, no mesmo ano, surpreendentemente, aparecia como idealizador do I Salão de Humor de Piracicaba, já com verba da Prefeitura conseguida não através do Fagundes, e com o cartunista Zélio e a patota de "O Pasquim" devidamente contados, me deixando de fora da organização, sob meus protestos pessoais.

Isso não me impediu de participar, à minha maneira, da promoção. Enviei dois trabalhos, que foram selecionados, e filmei as solenidades de abertura, uma festa muito alegre, sem nenhuma das repressões que os bufões, hoje, procuram dar ao acontecimento. O filme em meu poder documenta toda a alegria do pessoal de "O Pasquim" e de todos os demais expositores e visitantes. O vernissage contou até com a presença do então representante do Exército, na cidade, Capitão Alfredo Mansur, que pode ser visto, simpático, nas filmagens. E, também, com a presença de um militar parente do Dr. Henrique Concenza.

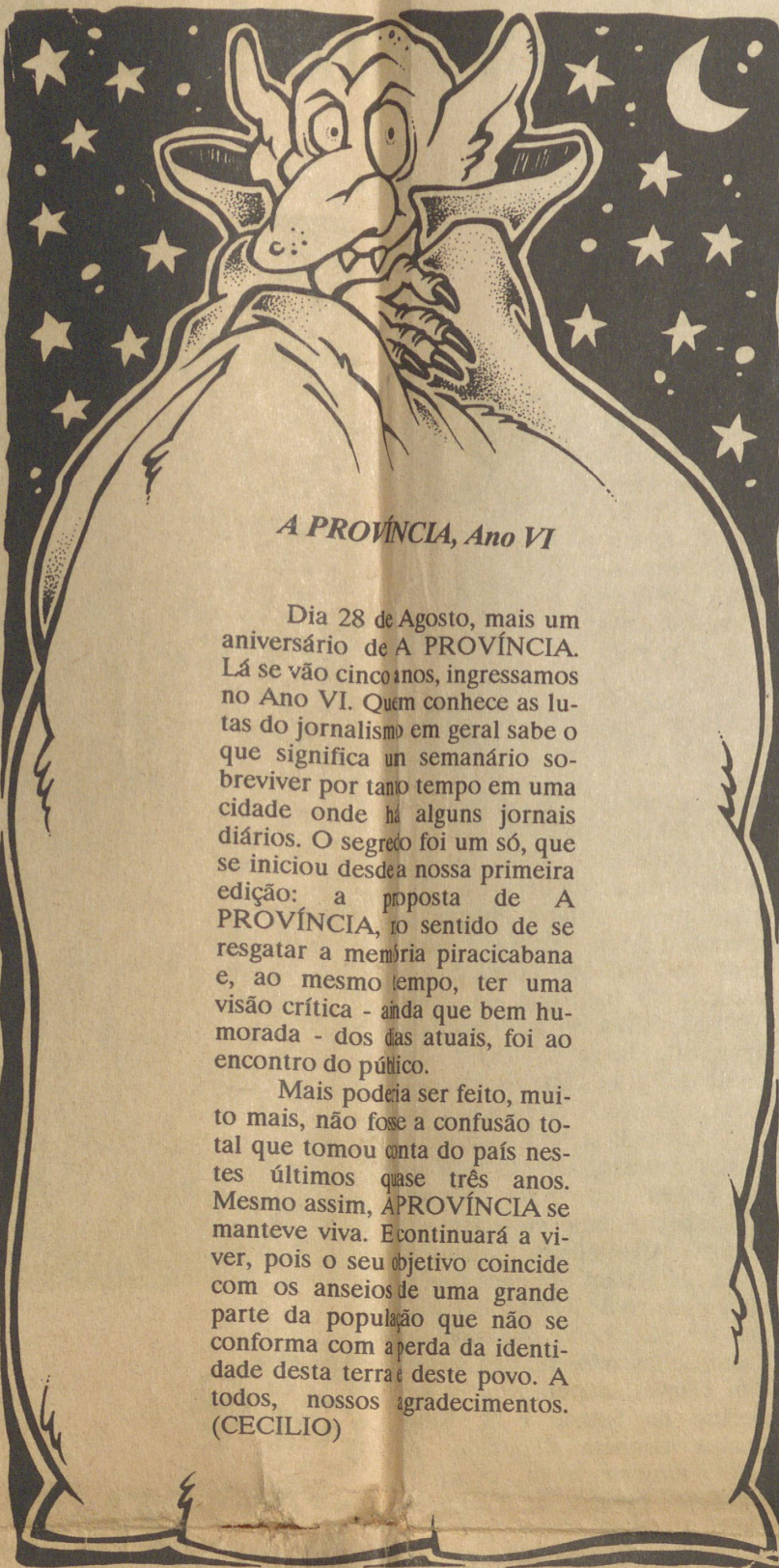
Não é o que, hoje, a Ação Cultural desavisadamente informa sobre a história do Salão, baseada na certa em declarações ridículas de pessoas interessadas em estabelecer um tipo de repressão política que não aconteceu em Piracicaba.

O I salão não foi realizado no Clube Coronel Barbosa, unicamente, porque isso prejudicaria as atividades já programadas para seus associados e não por medo da sua diretoria, já que Mário Terra, diretor social, era nosso colega de redação e pessoa muito amiga e solidária.

O I Salão foi realizado nas dependências de um banco desativado - o Português do Brasil - cedido para uso enquanto o prédio não fosse ocupado novamente. Nenhum gerente encerrou a mostra antes da hora, isso porque já não mais havia agência bancária nem gerente.

Durante esses 18 anos, o Salão Internacional de Humor de Piracicaba tem sido um território livre, onde todos os temas são tratados sem nenhum problema relacionado com a liberdade de expressão. Uma festa que se repete anualmente, o maior acontecimento de Piracicaba e o que mais recebe atenção da imprensa nacional.

Devemos, pois, procurar aumentar sua importância com realizações futuras, explorações do seu potencial, e não com a deturpação ridícula de fatos passados, a fim de justificar a sua existência. O Salão não precisa disso! (CERA)



Dia 28 de Agosto, mais um aniversário de A PROVÍNCIA. Lá se vão cinco anos, ingressamos no Ano VI. Quem conhece as lutas do jornalismo em geral sabe o que significa um semanário sobreviver por tanto tempo em uma cidade onde há alguns jornais diários. O segredo foi um só, que se iniciou desde nossa primeira edição: a postura de A PROVÍNCIA, no sentido de se resgatar a memória piracicabana e, ao mesmo tempo, ter uma visão crítica - ainda que bem humorada - dos dias atuais, foi ao encontro do público.

Mais poderia ser feito, muito mais, não fosse a confusão total que tomou conta do país nestes últimos quase três anos. Mesmo assim, A PROVÍNCIA se manteve viva. E continuará a viver, pois o seu objetivo coincide com os anseios de uma grande parte da população que não se conforma com a perda da identidade desta terra deste povo. A todos, nossos agradecimentos. (CECILIO)

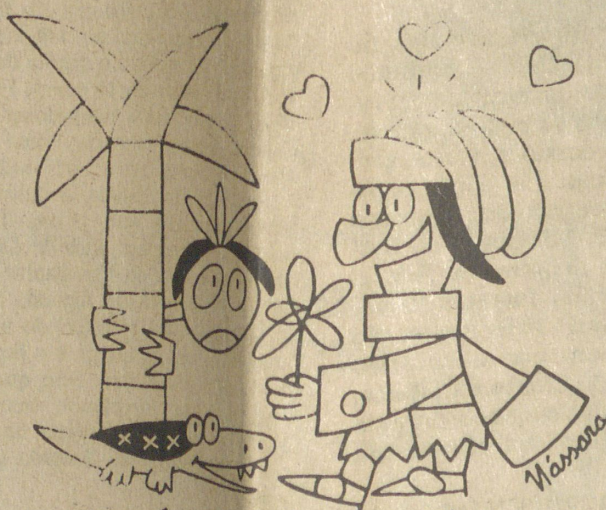
Cegueira?

Qualquer pessoa que tenha assistido à partida Brasil X Itália, de basquete feminino pelas Olimpíadas de Barcelona, viu que tivemos um terrível início de jogo, com as jogadoras nervosas e demorando para conseguir segurança na quadra. Viu que a estrela de maior brilho não foi Hortência, mas Marta, que com sua habilidade "carregou" o time brasileiro nos primeiros minutos de jogo e prosseguiu criando situações para que nosso selecionado chegasse à vitória. Quem assistiu, viu também que Paula "acertou a mão" e foi a cestinha da partida.

Entretanto, o pessoal do Jornal de Piracicaba parece não ter visto nada. Lendo a matéria publicada em 31/7 sobre esse jogo, temos a impressão que quem escreveu sequer deu-se ao trabalho de assisti-lo, pois, além de ter visto um "excelente início de jogo", ainda "viu Hortência brilhar"...

É lamentável, para não dizer ridículo. (Silvana, uma torcedora).

19º Salão INTERNACIONAL DE Humor de Piracicaba



Colombo Descobre América

Jamil II

A edição n 158 desta *Província* traz, na seção "Recados", nota do Sr. Roberto Antonio Cera sobre "Jamil Maluf". Sobre a mesma, gostaria de esclarecer:

1 - Não me parece adequado discorrer sobre as opiniões e idéias do articulista relativamente ao PT. Estas já conhecemos. Resta pleitear que o debate entre diferentes transcorra em alto nível e que a verdade seja invariavelmente perseguida. Do contrário, a política perde seu sentido, e seus protagonistas desmoralizam-se diante de seus próprios tropeços.

2 - A referida nota afirma que só agora "o PT conhece um pouquinho sobre Jamil Maluf... bem que poderia nos proporcionar este privilégio (sua apresentação)". Esclarecimentos preliminares: conhecemos Jamil Maluf há tempos, até em razão de "intermediários" familiares, e somos apreciadores de seu talento e criatividade (os petistas, como de resto cidadãos normais, também apreciam a música, inclusive a erudita); em 1º de janeiro de 1989, por ocasião da festa de posse do atual governo municipal, na praça José Bonifácio, Jamil nos brindou regendo a Orquestra Sinfônica da Escola de Música de Piracicaba, instituição da qual foi aluno antes de estagiar na Europa e regressar ao Brasil.

3 - Posso informar que, pessoalmente, pelo menos em três oportunidades, quando Secretário da Ação Cultural, tratei pessoalmente com Jamil e a Secretária Municipal de Cultura de São Paulo, companheira Marilena Chauí, sobre a vinda da Orquestra *Experimental* de Repertório (e não "especial", como equivocadamente afirma o Sr. Cera) a Piracicaba. Em todas não foi possível. A razão? Não porque ambos não tivessem manifestado interesse, mas porque a transição institucional da extinta "Orquestra Sinfônica Jovem" para "Orquestra Experimental de Repertório" foi bloqueada pela bancada oposicionista na Câmara Municipal de São Paulo. Não havendo a referida legalização, qualquer apresentação fora do município estava automaticamente comprometida (para exemplificar a questão, cumpre lembrar o episódio da tragédia da inauguração do Teatro Municipal de Americana, cujos danos físicos e materiais até hoje não puderam se reparados, em virtude da não autorização do prefeito da época para a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo). Neste período, a pedido de alguns piracicabanos, entrevistamos junto às lideranças petistas na Câmara paulistana, mas só há pouco mais de um mês as mensagens do Executivo foram votadas - e aprovadas por unanimidade, o que confirma não haver nenhuma objeção relevante que as obstaculizasse, apenas insensibilidade.

4 - Aprovado o Projeto de Lei da Prefeita Luiza Erundina que regulamentou a Orquestra Experimental de Repertório - e outros Corpos Estáveis -, inexistem empecilhos para uma apresentação em nossa cidade. A propósito, voltei a tratar pessoalmente do convite com Jamil, quando da abertura do Salão de Arte Contemporânea/Instalações, no Engenho Central. É possível, salvo imprevistos, que possamos assisti-lo "in loco" ainda este ano.

5 - Por último dois esclarecimentos: Jamil já se apresentou no Teatro Municipal Dr. Lasso Netto regendo a extinta Orquestra Sinfônica Jovem de São Paulo (em 1986, se não me falha a memória); o fato de Piracicaba e São Paulo terem o mesmo partido político no governo com certeza ajuda: já trouxemos, sem pagamento de cachê, o Ballet da Cidade de São Paulo para a abertura do I Encontro de Dança de Piracicaba; Marilena Chauí integrou uma das mesas de debates sobre "O Mito", no projeto "Cultura Contemporânea - Sentidos/Determinantes/Perspectivas"; a SMC/SP irá nos oferecer um de seus teatros para nossa Campanha Estável de Teatro Amador-CETA apresentar o espetáculo "1942-América"; o Centro Cultural São Paulo irá liberar parte da mostra "Índios no Brasil", relativamente ao programa do V Centenário da América...

A bem da verdade, o papel do jornalista, antes de opinar, é informar-se! <

JEFFERSON GOULART

Cícero

Há alguns anos, o nome do Cícero Correia dos Santos foi indicado para receber o título de cidadão piracicabano e os vereadores tiveram o desprate de negar a honraria.

A cada ano que passou, o Cícero, com aquele seu jeito de "Nho Quim", pessoa simples, apegada às nossas tradições, com uma dedicação incomum à coletividade, aguardou que novamente seu nome fosse lembrado para receber o título de cidadania.

Chegou novamente a hora e, também desta vez, o Cícero foi preferido por pessoas que, quando aqui chegaram, já o encontraram divulgando, com suas fotos, os acontecimentos piracicabanos nos principais jornais de São Paulo.

Sem desmerecer os novos agraciados com títulos de cidadania, saiba o Cícero que para todos os seus amigos, entre os quais nós de "A Província" nos incluímos, ele, fotógrafo que é, consegue ser o próprio retrato do piracicabano. (CERA)

Salafrários

Como é que essa cambada de salafrários consegue mandar tanto no país? Está mais do que provado que a Petrobrás, por exemplo, vem sendo pessimamente administrada, cheia de falcatruas. Isso não impede que, mensalmente, imponha índices abusivos, acima da inflação, aumentando os preços dos combustíveis. Para este mês, a Petrobrás já aumentou 22 por cento e avisa que pretende chegar a 40 por cento.

Com relação à Previdência Social, tão cheia de corruptos, os salafrários pretendem alterar a aposentadoria, limitando a idade em 65 ou 62 anos, como pretendem agora, achando que o aposentado deverá contribuir, pelo menos, durante 40 anos.

Enquanto isso, deputados, senadores e até mesmo vereadores, essa cambada de inúteis, continuarão se beneficiando das "aposentadorias especiais", um meio de não ser igual ao povo perante a Lei. (CERA)



Ei, João!

Tá todo mundo

com saudades de você!

Volte a

escrever, tá? (BIA)